



## CRISTIANISMO E CRÍTICA DA MORAL EM NIETZSCHE: “MORTE DE DEUSES” E OS NOVOS HORIZONTES DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2026.221.10>

Leandro Rodrigues de Oliveira

Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), com pesquisa financiada pela Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI). Professor de Filosofia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e pela Secretaria de Educação do Estado do Maranhão (SEDUC – MA).

[lrodrigueso@yahoo.com.br](mailto:lrodrigueso@yahoo.com.br)

<https://orcid.org/0009-0002-7115-3381>

### RESUMO:

O presente artigo investiga a crítica de Nietzsche ao cristianismo, buscando compreender como a moral cristã — fundada em culpa, ressentimento e negação da vida — tornou-se dominante na cultura ocidental e quais as consequências de sua transformação histórica. Parte-se da hipótese de que, ao perder seu fundamento transcendente e converter-se em moralismo, essa moral entra em processo de autodestruição, gerando o niilismo moderno. À luz da interpretação de Paul Valadier, argumenta-se que Nietzsche não destrói o cristianismo a partir de fora, mas revela internamente sua dinâmica de colapso, abrindo espaço para repensar novos horizontes de espiritualidade. Utilizando o método de análise bibliográfica, o estudo percorre o diagnóstico nietzscheano da “morte de Deus”, a sobrevivência espectral dos valores cristãos e o papel da “vontade de verdade” na modernidade. Os resultados indicam que a crítica nietzscheana atua como diagnóstico do processo interno de esgotamento do cristianismo, evidenciando a necessidade de libertá-lo de seu moralismo histórico. Conclui-se que, relida por Valadier, essa crítica não propõe uma nova moral, mas convida a pensar uma espiritualidade cristã livre do ressentimento e aberta à criação de sentido.

### PALAVRAS-CHAVE:

Nietzsche. Valadier. Cristianismo. Niilismo. Espiritualidade.

## CHRISTIANITY AND THE CRITIQUE OF MORALITY IN NIETZSCHE: THE “DEATH OF GOD” AND THE NEW HORIZONS OF CHRISTIAN SPIRITUALITY

### ABSTRACT:

This article investigates Nietzsche’s critique of Christianity, seeking to understand how Christian morality — founded on guilt, resentment, and the denial of life — became dominant in Western culture and what the consequences of its historical transformation are. It starts from the hypothesis that, by losing its transcendent foundation and turning into moralism, this morality enters a process of self-destruction, generating modern nihilism. In light of Paul Valadier’s interpretation, it is argued that Nietzsche does not destroy Christianity from the outside, but reveals its internal dynamics of collapse, opening space to rethink new horizons of spirituality. Using the method of bibliographical analysis, the study traces Nietzsche’s diagnosis of the “death of God,” the spectral survival of Christian values, and the role of the “will to truth” in modernity. The results indicate that Nietzsche’s critique functions as a diagnosis of Christianity’s internal process of exhaustion, highlighting the need to free it from its historical moralism. It is concluded that, as reread by Valadier, this critique does not propose a new morality but invites us to conceive a Christian spirituality free from resentment and open to the creation of meaning.

### KEYWORDS:

Nietzsche. Valadier. Christianity. Nihilism. Spirituality.

## 1 Introdução

O grito do homem louco se faz ouvir alto, com efeito, em uma época original: o Deus morto é esse deus mentiroso, ligado aos necessários erros das épocas de barbárie; mas, o colapso da mentira deixa em liberdade o sem-limite da realidade (VALADIER, 1982, p. 462).

A crítica de Nietzsche ao cristianismo é frequentemente lida como uma recusa absoluta da religião, um gesto demolidor que anuncia o colapso definitivo de qualquer forma de espiritualidade. Tal leitura, embora compreensível diante da virulência de suas afirmações em obras como *O anticristo*, perde de vista o que há de mais profundo em sua filosofia: o desejo de compreender os mecanismos pelos quais a moral cristã se impôs como forma dominante de subjetivação no Ocidente, e os efeitos disso sobre a vida, o pensamento e a criação de sentido. Mais do que uma negação, trata-se de um diagnóstico genealógico rigoroso: como chegamos a viver sob valores que negam a própria vida?

Este artigo parte dessa pergunta para investigar, à luz da interpretação de Paul Valadier, os desdobramentos e implicações da crítica nietzscheana à moral cristã. Longe de reiterar o lugar-comum do Nietzsche iconoclasta, Valadier propõe uma leitura filosófica exigente, em que a crítica à religião não visa sua aniquilação, mas sua superação enquanto moral de rebanho, enquanto estrutura de ressentimento,

enquanto sistema de valores decadentes. O cristianismo não é destruído por forças externas: ele implode sob o peso de sua própria moral, esvaziado de força espiritual, reduzido à forma residual de um moralismo universalizado e culpabilizante.

Essa perspectiva permite resgatar, no interior da crítica nietzscheana, a possibilidade de um novo começo. A morte de Deus, ao contrário do que supõem tanto os niilistas quanto os nostálgicos da fé, não é o fim do sentido, mas a abertura de um horizonte trágico, em que o ser humano é convocado à criação. É essa possibilidade que Valadier reconhece sob a metáfora da “aurora”: uma espiritualidade porvir, não fundada em dogmas ou garantias transcendentais, mas na coragem de interpretar, de afirmar a vida e de acolher o inacabamento do mundo.

O objetivo deste artigo, portanto, é desenvolver uma leitura genealógica da crítica de Nietzsche ao cristianismo, articulada à proposta hermenêutica de Valadier, com o intuito de pensar as condições de emergência de uma ética e de uma espiritualidade pós-metafísicas. Trata-se de acompanhar o percurso nietzscheano desde o diagnóstico da autossupressão do cristianismo até a abertura do perspectivismo, passando pela denúncia da permanência latente de uma moral sem fundamento. Ao fim, pretende-se mostrar que, para além do niilismo, pode haver um gesto afirmativo: uma aurora que resiste ao colapso, não por restaurar o antigo, mas por criar, em meio às ruínas, novos modos de existir.

## 2 A crítica nietzscheana como genealogia da decadência moral

Muitos tinham predito como inelutável o desaparecimento das religiões, ou proclamado, sob uma ou outra forma, a “morte de Deus”. Anunciava-se, assim, o reino do ateísmo, mas o que se verificou foi a proliferação das seitas. Pensava-se ter acabado com os velhos sonhos do além, e foi o pesadelo das crenças mais loucas que se tornou obsessivo pelos seus danos bem actuais (VALADIER, 1999, p. 17).

A célebre sentença nietzscheana “Deus está morto”, apresentada de modo emblemático no aforismo 125 de *A gaia ciência*, não deve ser interpretada apenas como um ataque ao cristianismo ou como apologia do ateísmo. Ela marca, antes, uma inflexão histórica e espiritual decisiva: o colapso da estrutura valorativa que, por séculos, sustentou a civilização ocidental sob a égide de um Deus transcendental, portador de sentido, finalidade e consolo. Como afirma Valadier (1999, p. 18), Nietzsche não proclama a morte de Deus como um triunfo do ateísmo, mas como o colapso de uma figura divina esvaziada de mistério, “demasiado humana, demasiado domesticada”, incapaz de manter sua alteridade diante de uma consciência moderna educada pelo espírito crítico.

Essa morte simbólica de Deus não elimina a religiosidade nem dissolve a estrutura afetiva da crença. Ao contrário, é justamente o modo como o cristianismo se tornou moral, isto é, uma disciplina da

alma e do corpo fundada na culpa, na negação da vida e na promessa de redenção, que desencadeia o niilismo. A fé, transformada em instrumento de submissão, perde sua força afirmativa e converte-se em doença da vontade. Nas palavras de Nietzsche (2009b, p. 41), trata-se de uma “doença do ressentimento ascético” que nega a vida em nome de um mundo além.

Essa crítica é radicalizada por Valadier (1982), que vê no diagnóstico nietzscheano uma genealogia complexa das formas degradadas da fé. Segundo ele, o cristianismo combatido por Nietzsche não é o de uma experiência espiritual viva, mas o de um sistema de controle da existência, que nega as potências eminentemente criadoras do ser humano. O que está em jogo, portanto, não é apenas a negação de Deus, mas a crítica a uma moral que se constitui como resposta ao medo, à fraqueza e à necessidade de justificação — uma moral reativa que sobrevive à própria queda do fundamento teológico que a legitimava.

A ambiguidade desse processo é central para compreender o problema que este artigo discute. Como observa Juan Antonio Estrada (2003, p. 173), o desaparecimento da crença em Deus não eliminou o desejo de salvação, apenas o transferiu: da religião para a ciência, da fé para a racionalidade técnica, do além para o progresso histórico. A morte de Deus inaugura o reinado da imanência, mas uma imanência ainda movida por estruturas transcendentais herdadas. Como consequência, “Deus deixa de ser o fundamento do humano, mas seus efeitos — os valores — continuam ativos” (ESTRADA, 2003, p. 178). O cristianismo morre enquanto religião dogmática, mas sobrevive como moral difusa, secularizada e persistente.

É nesse ponto que se evidencia o niilismo moderno, tal como Nietzsche o descreve: uma experiência em que os valores herdados perdem sua justificativa (o *wozu*, o para quê), mas continuam a reger o comportamento humano. Como afirma Valadier (1982, p. 421), os valores perduram, mas “caem desarticulados”, gerando uma tensão entre a ausência de fundamento e a persistência normativa. Na atualidade, essa tensão se tornou o solo fértil para a proliferação de novas crenças irracionais, fanatismos ou esperanças messiânicas que disfarçam a ruína sob formas aparentemente positivas.

Nietzsche denuncia essa condição como uma forma de niilismo reativo: uma tentativa de manter a fé, ou seus equivalentes seculares, mesmo após o colapso de sua possibilidade. Em lugar de enfrentar o “abismo”, busca-se substituí-lo por novas figuras de autoridade: a ciência como novo sacerdócio, a política como nova salvação, o moralismo como simulacro de virtude. A crítica à ciência, nesse contexto, não é sua negação, mas o desvelamento de sua função ideológica quando assume o lugar do divino. No aforismo 357 de *A gaia ciência*, Nietzsche (2001, p. 256) sintetiza bem essa crítica: “A moral cristã, ao

transformar-se em consciência científica, em asseio intelectual a qualquer preço, não supera sua estrutura ascética: apenas a transfere”.

Essa permanência da estrutura cristã na modernidade é o que Nietzsche chama de *vontade de verdade*: a obsessão por uma verdade única, redentora e definitiva. Tal vontade é a herdeira da fé cristã em um Deus todo-poderoso e moralmente perfeito. O filósofo Adilson Feiler (2011, p. 66) adverte que, ao denunciar essa continuidade, Nietzsche não se coloca apenas contra o cristianismo tradicional, mas contra qualquer sistema que reative seus pressupostos em novas roupagens. A própria ciência, ao pretender substituir a religião, apenas assume seus vícios: o dogmatismo, o idealismo moral, a salvação por meio do saber.

A leitura de Valadier (1999) é fundamental para compreender o alcance dessa crítica: o Deus que morre é aquele esvaziado pela própria religião moralizada, e não necessariamente a dimensão do divino como alteridade e mistério. A morte de Deus, assim, pode ser também a condição de possibilidade para que surja uma nova experiência espiritual, livre do peso da culpa, da transcendência compensatória e do ressentimento. Essa aurora — tema que voltará ao fim do artigo — é o horizonte que se abre quando se renuncia à segurança da fé dogmática, mas não à busca de sentido.

### 3 Cristianismo, morte de Deus e a sobrevivência da moral

A crítica nietzscheana ao cristianismo ganha contornos ainda mais incisivos quando compreendida como um diagnóstico interno: o cristianismo teria promovido, ao longo da história, um tipo de moral que, ao invés de preservar sua força originária, terminou por corroê-lo desde dentro. A moral cristã, fundada na compaixão, na humildade e na renúncia, torna-se o veneno que destrói suas próprias bases espirituais. Essa é a tese que Nietzsche esboça em *Aurora*, desenvolve em *A genealogia da moral* e intensifica em *O anticristo*: o cristianismo morre não por ataque externo, mas por efeito da moral que ele mesmo engendrou.

Segundo Valadier (1982, p. 440), o diagnóstico nietzscheano é claro: “o cristianismo sobrevive como moral; mas é a moral cristã que destruiu o cristianismo como religião”. A sobrevivência da religião em sua forma moralizada configura, portanto, uma contradição estrutural: permanece como referência ética, mas esvaziada de transcendência, de potência criadora, de força espiritual. O cristianismo, nesse contexto, sobrevive como resíduo de uma forma de vida que perdeu seu vigor.

Nietzsche trata desse esgotamento simbólico por meio da metáfora da “eutanasia do cristianismo”, apresentada no aforismo 92 de *Aurora*. Ali, observa que mesmo os intelectuais mais moderados se contentam com um cristianismo reduzido a um “providencialismo moral”, um “cristianismo

conveniente”, simplificado, domesticado. O que resta é um Deus que garante a felicidade e o bem-estar final, elevado à condição de consolo e resignação: “a resignação e a humildade elevadas ao grau de divindade — é isso o que de melhor e de mais vivo restou do cristianismo” (NIETZSCHE, 2007, p. 73).

Esse moralismo sentimental, segundo Valadier (1982, p. 441), representa o estágio terminal da religião cristã: “a moral acaba absorvendo a religião [...] mitigado, o moralismo se confunde com o hedonismo, isto é, com a busca de si mesmo no prazer, sinal concreto de decadência”. A crítica é contundente: a fé se esvaziou de alteridade e mistério, tornando-se um reflexo dos afetos humanos mais reativos — conforto, temor, piedade —, e, por isso mesmo, perdeu sua função de abertura ao transcendente.

Nietzsche observa esse processo como um fenômeno de autossupressão (*Selbstaufhebung*), em que a religião sucumbe à própria lógica que instaurou. No aforismo 27 de *A genealogia da moral*, e no aforismo 357 de *A gaia ciência*, ele afirma que o cristianismo realiza um “ato de autodestruição” ao ser corroído por sua obsessão com a verdade moral e sua busca de pureza espiritual. A *vontade de verdade*, herdada da moral cristã, transforma-se em escrutínio científico e moralista que mina a fé e torna sua continuidade intelectualmente e espiritualmente insustentável.

Essa crítica se aproxima da ideia heideggeriana de que o cristianismo histórico — sobretudo o fundado na teologia paulina — não é idêntico à “cristianidade”, ou seja, à forma de vida vivida a partir do exemplo de Jesus. Heidegger (2003, p. 481) sugere que a Igreja, como instituição histórica, pode propagar o cristianismo sem viver sua essência, e que, inversamente, a experiência cristã pode existir mesmo à margem da religião instituída. Essa distinção permite compreender por que Nietzsche ataca o “cristianismo” (enquanto sistema dogmático e moralista), mas não necessariamente a possibilidade de uma espiritualidade afirmativa a partir da “prática de vida” do próprio Jesus Cristo, como ele afirma em *O Anticristo* (§33).

A *consequência* de semelhante estado se projeta em uma nova *prática*, a prática verdadeiramente evangélica. Não é uma “fé” que distingue o cristão: o cristão age, ele se distingue por agir de um *outro modo*. [...] A vida do redentor não foi senão *essa* prática – sua morte também não foi outra coisa... [...] Ele ajustou contas com toda a doutrina judaica de penitência e reconciliação; ela sabe que é a penas a *prática* da vida que faz algum se sentir “divino”, “bem-aventurado”, “evangélico”, sempre um “filho de Deus”. Não a “penitência”, não “orar pedindo perdão” são caminhos para Deus: *somente a prática evangélica* conduz a Deus, ela justamente é “Deus” (NIETZSCHE, 2009a, p. 62).

A genealogia valadierana segue nesse ponto a trilha aberta por Nietzsche, mas a reinterpreta em chave propositiva. Para Valadier (1982, p. 444), o cristianismo reativo, centrado na culpa e na autonegação, é também aquele que se anula ao longo do tempo, destruindo seus próprios fundamentos: “o

fermento corruptor [...] acaba atuando sobre a vontade que deseja a crença cristã e destruindo pouco a pouco seus fundamentos”. O cristianismo morre, assim, de sua própria moral: uma moral que prometia salvação, mas que terminou por aniquilar o mistério e a alteridade do divino.

Nietzsche antecipa essa crítica em passagens como o aforismo 357 de *A gaia ciência*, onde afirma que “o que triunfou realmente sobre o Deus cristão” não foi a crítica filosófica ou o progresso científico, mas “a própria moralidade cristã, o conceito de veracidade entendido de modo sempre rigoroso [...] traduzida e sublimada em consciência científica” (NIETZSCHE, 2001, p. 256). A religião, ao exigir coerência moral absoluta, produziu a disciplina intelectual que viria a refutá-la.

Nesse sentido, a morte de Deus aparece não como evento externo, mas como consequência lógica da dinâmica moral imposta pelo próprio cristianismo. Como conclui Nietzsche em *Humano, demasiado humano*: “no presente estado do conhecimento já não é possível nos relacionarmos com [o cristianismo] sem manchar irremediavelmente nossa consciência intelectual” (NIETZSCHE, 2000, p. 86). A fé tornou-se incompatível com o método rigoroso de busca da verdade que ela mesma ajudou a instaurar.

A crítica nietzscheana, como a releitura de Valadier evidencia, não consiste em simples aniquilamento da religião. Ela é um chamado a ultrapassar as formas reativas e decadentes do cristianismo, e, nesse sentido, possui uma função terapêutica: liberar o pensamento para além da moral herdada, abrir o campo para uma outra possibilidade de espiritualidade — menos baseada na culpa e mais na criação. O cristianismo que Nietzsche aniquila é, em última instância, aquele que se suicida por excesso de moral.

#### **4 A moral cristã em colapso: os valores sobreviveram à morte de Deus?**

A crítica nietzscheana à tradição cristã, ainda que aparentemente terminal, não se encerra em um gesto ruptura absoluto. Ao contrário, ela aponta para uma contradição persistente: mesmo após a “morte de Deus”, os valores cristãos continuam a operar sob formas disfarçadas. O que Nietzsche denuncia, nesse contexto, é o fato de que a moral cristã sobrevive à queda de seus fundamentos, convertendo-se em um “cristianismo latente” — secularizado, mas ainda presente na maneira como a cultura ocidental estrutura o sentido e regula os afetos.

Valadier (1982, p. 495) identifica essa permanência com precisão: “o cristianismo pode naufragar em seus dogmas ou sua moral e, contudo, sobreviver sob a forma do cristianismo latente, que alimenta a vontade de crença sob formas e domínios não necessariamente religiosos”. O que morre, portanto, não é a função simbólica do cristianismo, mas sua forma explícita de religião. Permanece, contudo, o desejo de um sentido último, de uma autoridade absoluta, de uma verdade salvadora. A “vontade de crença”, que

sustentava a fé cristã, desloca-se para outras instâncias: a ciência, a política, os projetos messiânicos de salvação coletiva.

É isso que leva Nietzsche a afirmar, ainda em *A gaia ciência* (2001, p. 147), que “o mar não está vazio”, como crê o “homem louco”. A morte de Deus não é o fim da metafísica, mas a abertura de um novo infinito — mais perigoso, porque não tem garantias. Nesse novo horizonte, o ser humano é convocado a criar valores, mas a maioria tende a refugiar-se em novas formas de dogmatismo. Como explica Valadier (1982, p. 462), “a debilidade para lidar com o ilimitado, para aderir ao novo infinito, explica a confusão do louco: requer um trabalho lento e difícil, para que a morte de Deus não apareça somente sob o aspecto de uma perda”.

A sobrevivência do cristianismo nesse plano latente manifesta-se tanto na persistência de estruturas morais quanto na repetição inconsciente de seus afetos fundamentais: compaixão, ressentimento, sacrifício, submissão. Nietzsche denuncia essa permanência como expressão do niilismo moderno: os valores antigos permanecem ativos, mas já não possuem legitimidade. Como diz Valadier (1982, p. 421), “os valores perduram, mas perderam seu *wozu* (para quê)”. A consequência é a desagregação da cultura em fragmentos de significados outrora unificados por um sistema teológico. O que resta é uma vontade de crer sem objeto crível.

Essa vontade não desaparece com o avanço da modernidade, mas adapta-se às novas formas históricas. Juan Antonio Estrada (2003, p. 173) observa que a transição do teísmo cristão para o ateísmo moderno não suprimiu a função do absoluto, apenas a reformulou: “o teísmo torna-se um ateísmo humanista que realiza a transcendência intramundana, combinando ciência, mito do progresso e saber prometeico”. Ou seja, a fé no Deus transcendente cede lugar à fé na razão humana, no Estado, na história. A estrutura de salvação permanece, apenas muda de linguagem.

Valadier, ao reconhecer essa mutação, compreende que a genealogia nietzscheana não denuncia apenas o cristianismo como religião tradicional, mas todas as formas de absolutização da verdade que herdaram sua estrutura. A ciência, quando absolutizada, funciona como nova religião. A moral laica, quando se torna inquestionável, retoma a função do dogma. O niilismo, nesse contexto, não é ausência de crença, mas sua degeneração: crer em valores que já não se justificam, mas continuam a operar como se fossem universais.

Nesse sentido, Nietzsche antecipa um dos dilemas centrais da modernidade: como viver sem garantias, sem apelos à transcendência, sem uma fonte última de sentido? A dificuldade de muitos em assumir essa tarefa leva à proliferação de formas religiosas degradadas, ideologias totalitárias ou

espiritualidades superficiais — todas elas manifestações de um cristianismo espectral, sobrevivente mesmo quando declarado morto.

A análise genealógica, portanto, tem por função revelar essas continuidades ocultas. A morte de Deus não implica a morte da vontade de crer; ao contrário, expõe sua força latente. Para Valadier (1982), Nietzsche preocupa-se menos em refutar a existência de Deus e mais em compreender como pôde nascer a crença em Deus. Essa inversão do foco — do conteúdo ao processo — é o que permite tratar a religião não como erro, mas como sintoma e estrutura afetiva persistente.

Ao afirmar que o cristianismo “[...] perdura mesmo em forma religiosa ou em forma secularizada; *deve* perdurar ainda; pode inclusive prever o renascimento futuro de forças religiosas” (VALADIER, 1982, p. 423), o filósofo francês não propõe uma defesa da fé tradicional, mas um chamado à vigilância. Se a vontade de crer é inextinguível, ela exige discernimento. A crítica de Nietzsche, nesse horizonte, é uma exigência de maturidade espiritual: aprender a viver com o peso da liberdade, com a ausência de garantias, com o trabalho lento da criação de sentido.

## 5 Morte de Deus e a persistência da moral sem Religião

A crítica de Nietzsche ao cristianismo não apenas denuncia sua genealogia como moral de ressentimento, mas revela uma tensão interna profunda: a sobrevivência do cristianismo enquanto estrutura normativa persiste mesmo após a dissolução de sua referência fundante. Trata-se, na interpretação de Valadier (1982), de uma moral que permanece mesmo após a morte de Deus, mas que já não se sabe em nome de quê deve ser respeitada. Esse paradoxo constitui, segundo ambos os autores, o núcleo da crise espiritual moderna.

Nietzsche reconhece que a moral cristã não desaparece com a perda da fé — ao contrário, ela se universaliza como instância reguladora secular. A moral laica, herdada da tradição cristã, continua a operar com os mesmos princípios de negação da vida, idealização do sofrimento e sacralização da renúncia. Como observa Valadier (1982), a genealogia nietzscheana mostra que o valor da moralidade depende de sua origem: se ela nasce da fraqueza e do ressentimento, seu efeito será sempre reativo, mesmo quando racionalizado ou secularizado.

Essa permanência da moral em estado de colapso — isto é, sobrevivendo sem fundamento — caracteriza o que Valadier (1982) chama de “cristianismo sem fé”, ou “moral sem transcendência”. Não se trata aqui de uma nova espiritualidade, mas de uma repetição mecânica de valores esvaziados de sentido, sustentados apenas pela inércia cultural ou pelo medo do vazio. O resultado, como sintetiza

Valadier (1982), é uma moral sem religião, sem apoio em um absoluto, que permanece apenas como hábito ou exigência social.

Nietzsche identifica esse processo como um sintoma do niilismo passivo: o momento em que os antigos valores continuam a operar, mas já não são capazes de produzir sentido ou orientar a ação criadora. A crítica à moral cristã, portanto, não visa apenas denunciar sua origem ressentida, mas revelar sua impotência atual — sua condição de espectro normativo, incapaz de oferecer qualquer fundamento ético que não seja repressivo.

A leitura de Valadier aprofunda esse diagnóstico ao mostrar que a permanência da moral cristã sem religião, mesmo após a morte de seu Deus, é sinal de uma contradição não resolvida: o cristianismo moderno se decompõe em moralismo, mas não quer reconhecer sua decomposição (VALADIER, 1982). Essa negação da crise revela-se, paradoxalmente, como o que há de mais perigoso: a manutenção de uma estrutura de sentido já esvaziada, mas ainda funcional como instrumento de controle.

Essa “sobrevivência decadente” da moral cristã não é apenas um problema filosófico abstrato. Ela tem efeitos concretos: inibe a emergência de novos valores, impede a afirmação do trágico e reforça a culpabilização do desejo, do corpo, da diferença. Como escreve Nietzsche (2009b, p. 88) em *A genealogia da moral* (II, 21): o ideal ascético não apenas sobrevive, mas ainda “rege toda a nossa cultura como a mais venerada e sutil forma de dominação”.

Essa situação exige, segundo Nietzsche, um gesto de transvaloração: não apenas superação da moral tradicional, mas invenção de novos modos de viver. No entanto, tal gesto só é possível quando se reconhece o colapso dos valores herdados e sua impotência em face da vida. A crítica nietzscheana é, nesse sentido, terapêutica: visa libertar o pensamento da adesão cega a valores niilistas, abrindo caminho para a afirmação da existência em sua pluralidade e fragilidade.

Valadier não rejeita essa proposta. Ao contrário, interpreta-a como uma provocação legítima à tradição cristã. Para ele, a única chance de sobrevivência ética da herança cristã está em seu próprio “purificar-se” dessa moral de rebanho, reencontrando — quem sabe — sua força originária: não como doutrina de salvação, mas como possibilidade de vida espiritual aberta, não dogmática, não decadente. Do contrário, restará apenas o prolongamento residual de uma moral que sobrevive em ruínas.

## **6 Aurora e perspectivismo: para além da moralidade cristã**

A crítica nietzscheana ao cristianismo culmina não na negação absoluta da tradição religiosa, mas na abertura de um novo horizonte de pensamento — uma “aurora” ética e espiritual que emerge das ruínas da moral herdada. A morte de Deus, como já assinalado, não significa o fim da necessidade de

sentido, mas a convocação a assumir a responsabilidade por sua criação. Essa tarefa não pode mais ser delegada a um fundamento exterior: ela exige a coragem de pensar a partir do solo instável da existência, sem garantias, sem promessas de salvação.

É nesse contexto que Nietzsche, especialmente em *Aurora* e *A gaia ciência, Além do bem e do mal* e em *Assim falou Zaratustra* introduz o *perspectivismo* como caminho filosófico: a ideia de que não há verdades absolutas, mas interpretações. O *perspectivismo* não conduz ao relativismo banal, mas à consciência trágica da finitude humana — e à possibilidade de afirmar essa condição. Como escreve em *Além do bem e do mal* (§108), “não existem fenômenos morais, apenas interpretações” (NIETZSCHE, 2005, p. 66). Essa formulação, longe de dissolver a ética, propõe outro modo de fundamentá-la: não mais como obediência a um valor transcendente, mas como criação a partir de múltiplos pontos de vista, em diálogo com a vida concreta.

Valadier retoma esse ponto de maneira original. Para ele, a leitura nietzscheana da moral cristã exige uma resposta que não seja retorno nostálgico à fé dogmática, mas também não recaia na indiferença niilista. A tarefa filosófica, então, é pensar o sentido da religião numa era pós-metafísica, a partir do desafio hermenêutico da pluralidade de sentidos. É exatamente esse desafio que Valadier desenvolve em *Um cristianismo de futuro* (1999), ao propor uma releitura da tradição cristã à luz do *perspectivismo nietzscheano*: não para negar a fé, mas para purificá-la de seus resíduos dogmáticos e de sua estrutura repressiva — abrindo-a a uma espiritualidade reconciliada com a liberdade interpretativa e com o risco da criação espiritual.

Nesse contexto, a *aurora* representa não uma restauração do antigo, mas a possibilidade de uma nova espiritualidade, compatível com a liberdade e com a crítica. A verdade deixa de ser uma entidade a ser descoberta e torna-se uma tarefa a ser construída. O cristianismo, se quiser sobreviver como força ética viva, deve abandonar sua pretensão à verdade absoluta e assumir-se como tradição interpretativa, situada, falível. Isso implica uma reconversão profunda: da religião da culpa para uma experiência trágica do limite, da fé como obediência para a fé como coragem.

Valadier (1982) identifica nessa tarefa o que ele chama de o “sentido da aurora” em Nietzsche: não um novo dogma, mas um “despertar” do espírito crítico, um recomeço após o colapso dos valores estabelecidos. O *perspectivismo nietzscheano* não nega a espiritualidade — ele a liberta da tutela da moral herdada. Nesse sentido, a crítica nietzscheana é menos destrutiva do que clarificadora: ela expõe os mecanismos de sujeição ocultos sob o moralismo religioso e, ao fazê-lo, abre caminho para uma forma afirmativa de existência.

É por isso que a leitura valadierana não transforma Nietzsche em um pensador cristão, mas tampouco o rejeita como puro destruidor. Ao contrário, ela reconhece na genealogia nietzscheana uma provocação indispensável à tradição religiosa: se esta deseja continuar a ter relevância no mundo contemporâneo, precisa deixar de ser forma de dominação e tornar-se experiência de liberdade. Como afirma o próprio Valadier (1982, p. 462), a tarefa não é restaurar a crença, mas pensar sua possibilidade, tendo atravessado a crise do niilismo.

Essa travessia, no entanto, não é garantida. Ela exige a disposição de pensar a fé sem o suporte da metafísica, de viver a religiosidade como experiência aberta, não como adesão a um sistema de normas e verdades eternas. O perspectivismo, nesse sentido, oferece não apenas um método filosófico, mas uma ética: a ética da responsabilidade diante da pluralidade de sentidos, do inacabamento do mundo, da necessidade de criar sem a proteção de um fundamento transcendente.

A *aurora*, para Nietzsche, é essa experiência do novo — não como retorno, mas como afirmação do porvir. A leitura de Valadier revela que essa *aurora* não é incompatível com a herança cristã, desde que esta se purifique da moral de rebanho, do ressentimento e da vontade de domínio. Nesse caso, a crítica nietzscheana se converte em condição de possibilidade para um cristianismo porvir — não como doutrina universal, mas como gesto interpretativo, frágil e livre, que aceita o risco do sentido.

## 7 Considerações finais

A crítica de Nietzsche à moral cristã, longe de restringir-se a uma negação destrutiva da religião, configura-se como um processo genealógico rigoroso, voltado a desvelar as forças que deram origem, sustentação e decadência à tradição religiosa ocidental. O diagnóstico nietzscheano revela que, mesmo após a “morte de Deus”, os valores cristãos permanecem operando sob formas morais e culturais, muitas vezes seculares, sustentando um tipo de vida enraizado no ressentimento, na negação do corpo e na idealização do sofrimento. O problema, assim formulado, não é apenas o colapso da fé, mas a persistência de sua estrutura normativa — esvaziada, mas funcional — que caracteriza o niilismo moderno.

Neste artigo, buscou-se mostrar que a leitura de Paul Valadier oferece uma chave interpretativa decisiva para compreender o alcance e os desdobramentos da crítica nietzscheana. Ao destacar que a crítica de Nietzsche se dirige menos a Deus do que à maneira como a religião se transformou em moral, Valadier ilumina a possibilidade de um cristianismo de futuro, não mais fundado em verdades absolutas ou no peso da culpa, mas em uma espiritualidade reconciliada com a liberdade, o limite e a pluralidade interpretativa. A tese aqui defendida é que, ao contrário do senso comum que identifica Nietzsche como

puro destruidor, sua crítica abre espaço para uma ética pós-cristã afirmativa — ou, como propõe Valadier, para uma experiência religiosa purificada de seus elementos decadentes.

O percurso argumentativo desenvolvido demonstrou que a moral cristã, ao absolutizar-se como forma normativa da existência, não apenas traiu a vitalidade originária da fé, mas instaurou um regime de subjetivação que sobrevive à própria fé. O cristianismo, transformado em moral e disseminado sob a forma de hábitos culturais, sobrevive mesmo em sua decomposição. Contra essa lógica, Nietzsche propõe o perspectivismo como ética da criação e da responsabilidade interpretativa, e é nessa chave que Valadier propõe uma reinterpretação do cristianismo capaz de escapar tanto do dogmatismo quanto do niilismo passivo.

Essa reflexão, contudo, não se limita ao campo da história das ideias. Ela se mostra especialmente atual diante da forma como setores do cristianismo têm sido instrumentalizados politicamente no cenário brasileiro contemporâneo. A adesão de segmentos religiosos a projetos autoritários, o uso da linguagem da fé para justificar exclusões, violências e discursos de ódio, bem como a transformação das redes digitais em plataformas de evangelização reativa, revelam a atualidade do niilismo denunciado por Nietzsche. A moral cristã, longe de desaparecer, ressurgiu sob novas formas — frequentemente mais perversas, pois travestidas de liberdade, patriotismo ou defesa da “família”.

É precisamente esse o perigo que Nietzsche antevia: quando a morte de Deus não é enfrentada como desafio à criação de novos valores, ela abre caminho à recaída no moralismo, no fanatismo e na servidão voluntária. O cristianismo moralizado que hoje se manifesta como máquina de guerra política, sustentado por afetos reativos e desejo de poder, representa a antítese da aurora nietzscheana. Reafirma-se, por isso, a urgência de uma crítica filosófica capaz de enfrentar não apenas os dogmas do passado, mas suas transmutações ideológicas no presente.

Ao fim, a leitura genealógica de Nietzsche, articulada com a proposta hermenêutica de Valadier, não conduz à simples recusa da tradição religiosa, mas à exigência de repensá-la a partir da liberdade interpretativa, da aceitação do trágico e da coragem de afirmar o porvir. Eis, talvez, a tarefa ética e espiritual mais urgente do nosso tempo: reencontrar, sob os escombros da moral herdada, a possibilidade de uma “aurora”. Nesse sentido, a crítica nietzscheana — relida por Valadier — não suprime o cristianismo, mas devolve-lhe a chance de se renovar como espiritualidade viva, à altura dos novos horizontes abertos pela “morte de Deus”.

## Referências

FEILER, A. F. *Nietzsche: sujeito moral e cultura cristã*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

- GIACOIA JR., O. *Nietzsche: da grande política à eterna guerra*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- ESTRADA, J. A. *Deus nas tradições filosóficas*. Vol. II: da morte de Deus à crise do sujeito. São Paulo: Paulus, 2003.
- ESQUERRO, J. M. M. *Naufregar en lo infinito: la dimensión religiosa en el pensamiento de Nietzsche*. Universidade de La Rioja, Servicio de Publicaciones, 2014.
- HEIDEGGER, M. *A sentença nietzschiana “Deus está morto”*. Trad. Marco Casanova. *Natureza humana*. v. 5, n. 2, São Paulo, jul./dez. 2003.
- NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Aurora*. Trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O anticristo: maldição contra o cristianismo*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009a.
- \_\_\_\_\_. *A genealogia da moral*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009b.
- \_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- VATTIMO, G. *Após a cristandade: por um cristianismo não religioso*. São Paulo: Record, 2005.
- VALADIER, P. *Nietzsche: l'intempestif*. Paris: Beauchesne Éditeur 2000.
- \_\_\_\_\_. *A anarquia dos valores. Será o relativismo fatal?* Trad. Cristiana Furtado Coelho. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Um cristianismo de futuro: para uma nova aliança entre fé e razão*. Trad. Ana Rabaça. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche y la critica del cristianismo*. Madrid: Ediciones cristandade, 1982.

**Recebido em: 06/10/2025**

**Aceito em: 17/03/2026**